



Livro caleidoscópico



Olga de Sá



RESUMO

O trabalho levanta alguns aspectos metalinguísticos do livro de Ítalo Calvino: **Se um viajante numa noite de inverno**. Denomina-o “livro caleidoscópico”, pois ele trata, sob forma narrativa, das categorias do romance: autor, leitor, produtor, enredo etc.





ABSTRACT

The study raises some metalinguistic aspects of Ítalo Calvino's book: *Se um viajante numa noite de inverno*. The study names it "kaleidoscope book," since it deals, under narrative form, with the novel categories: author, reader, producer, plot, etc.



PALAVRAS-CHAVE

leitor; metalinguagem;
Ítalo Calvino; editor;
teoria da recepção



KEY WORDS

reader; metalanguage;
Italo Calvino; editor;
reception theory

És o protagonista absoluto desse livro (p.265).

Que livro é esse? **Se um viajante numa noite de inverno**, de Ítalo Calvino. Neste livro, o leitor é chamado à cena, sendo objeto de um esforço metalingüístico excepcional, que coloca essa obra entre os melhores romances do século XX. Foi publicado na Itália em 1979, traduzido no Brasil, em 1982, e relançado em nova tradução, além da tradução portuguesa.

Alguns dados sobre o Autor, não muito conhecido, talvez ajudem a compreender certos aspectos da obra, embora esteja em crise a chamada crítica-biográfica.

Sou filho de cientistas: meu pai era agrônomo, minha mãe botânica; ambos professores universitários. Para meus familiares somente o estudo científico era uma honra. [...] Eu sou a ovelha negra, o único literato da família (CALVINO, 1960, p. 110).

Embora seu pai e sua mãe fossem italianos, nasceu em Cuba, em Santiago de Las Vegas, em 1923. De seu nascimento, só guardou o registro.

Fez os estudos na Itália, de 1929 a 1942, sob o regime fascista e de 1943 a 45, participou da Resistência, onde fortaleceu sua consciência de escritor e seu amor pela liberdade

Meu passado é como uma tênia solitária, cada vez mais comprida, que carrego enrolada dentro de mim, e que não perde seus anéis, por mais que eu me esforce em esvaziar as tripas em todos os banheiros [...] (CALVINO, 1982, p.125).

O autor anuncia, logo na primeira linha do livro, dirigindo-se ao leitor, que ele vai começar a ler o novo romance de Ítalo Calvino, **Se um viajante numa noite de inverno**. Porém, o leitor só terá daí para frente, inícios de romance, com os quais se constrói o livro de Calvino, que temos nas mãos.

Se o leitor deseja um enredo, terá o desenredo. Quer começo,

meio e fim, o romance linear? Terá uma série de rupturas. Quer a linguagem romanesca? Terá a metalinguagem.

O autor estabelece um jogo com o leitor. O romance de Calvino se apresenta como um quebra-cabeça, um caleidoscópio.

Da página 32 recua-se para a página 17. O tipógrafo ao encadernar o volume repetiu os mesmos cadernos. Inseriu no texto um romance polaco **Distanciando-se de Malbork**, de Tazio Bazakbal.

Inicialmente, o espaço é uma suposta estação, certamente uma metáfora que sugere chegada, retorno, partida, início de uma viagem indefinida, também para o autor, que busca um leitor especial.

No capítulo II, o autor coloca em confronto um Leitor e uma Leitora, Ludmila, sempre movidos pelo desejo de retomar a leitura e continuar a história interrompida. A essa expectativa une-se outra narrativa, que envolve Lotária, irmã acadêmica de Ludmila; Irnério, o não-leitor, para quem o livro é só um objeto. Hermes Marana, um falsário, Silas Flanny, o escritor em crise, possível espelhamento do autor; Dr. Cavedagna, o editor. São todas categorias narrativas, que junto com o autor, dão corpo à única história com começo, meio e fim: **Se um viajante**.

As dez histórias iniciadas e interrompidas criam uma nova trama:

Se um viajante numa noite de inverno...
Distanciando-se de Malbork...
Debruçado na borda da costa escarpada...
Sem temer a vertigem e o vento...
Olha para baixo na espessura das sombras...
Em uma rede de linhas entrelaçadas...
Em uma rede de linhas entrecruzadas...
Sobre o tapete das folhas iluminadas pela lua...
Em torno de uma fossa vazia.
Que história aguarda, lá embaixo, seu fim?

A história assim construída, que exigiu um autor como Calvino

e um Leitor especial, capaz de colher a ironia e o humor do escritor, sua capacidade de frustrar a expectativa do leitor comum, desfilando vários tipos de romances, abrindo possibilidades de leitura e de sátira contra certos hábitos da academia, por ex., o método estatístico, que segundo ele, não possui nenhum rendimento crítico .

No terceiro capítulo, o terceiro romance se interrompe, pois páginas escritas alternam-se com páginas em branco, outro erro do encadernador. O romance que se supunha polaco revela-se, agora, como sendo cimbriico e cimério.

Em outros termos, o livro é uma proposta de reflexão sobre o ato de escrever e o de ler, verdadeira metalinguagem do universo romanesco, que insere o leitor nos meandros do universo literário. Existe o leitor que lê por prazer como Ludmilla e o que lê por obrigação acadêmica (Lotaria).

A leitura torna-se um ato mecânico de dever, reveladora dos hábitos acadêmicos, preocupada com entender os mecanismos de geração do texto, na busca das recorrências vocabulares, capazes de classificar estilos e temas.

Silas Flannery gostaria de ter seus livros lidos, sofregamente, como faz a leitora que, deitada ao sol, absorva em sua leitura, parece a leitora-modelo desejada. O leitor-modelo provoca, em Silas Flannery o desejo de ser um autor-modelo.

Queria escrever um livro que não fosse mais que um incipit que guardasse em toda a sua duração as potencialidades do início, uma expectativa ainda sem objeto. Mas como semelhante livro poderia ser construído? Deveria interromper após o primeiro deslanchar-se? Ou prolongar indefinidamente os preliminares? Ou ainda encaixar um princípio de narração em outro, tal como nas Mil e uma noites? (CALVINO, 1982, p. 214).

O projeto do Autor está todo delineado no romance, enquanto se realiza no texto que escreve.

Na linha da metalinguagem, o leitor, ao ler, reflete sobre o ato

de ler, e o texto vai gerando uma teoria de recepção.

O leitor, ávido de enredo e desfecho, é frustrado pelas narrativas que se interrompem e no universo da recepção, a leitora Ludmila tem consciência dos limites entre autor e leitor:

Há uma linha que separa: de um lado os que fazem livro, de outro os que lêem. Quero fazer parte daqueles que lêem... senão o prazer desinteressado de ler não existe ou se transforma em alguma outra coisa (CALVINO, 1982, p. 109).

A teoria da leitura aflora do intrincamento dos universos do autor e do leitor. No romance de Calvino, leitor e leitora, finalmente, se encontram na cama e passam a ser objeto da leitura do autor.

Leitora, eis que estás lida. Teu corpo foi submetido a uma decifração sistemática através dos canais de informação táteis, visuais, olfativos e não sem a intervenção das papilas gustativas [...] todos os pobres alfabetos através dos quais um ser humano acredita estar lendo, por alguns momentos, um outro ser humano (CALVINO, 1982, p. 186).

Assim, o leitor também é um objeto de leitura. Ao contrário, da leitura de páginas escritas tradicionais, a leitura que os amantes fazem de seus corpos não é linear. Como não é linear, a leitura de **Se um viajante numa noite de inverno** transforma o leitor no viajante, que vai em demanda das narrativas e se encontra, ele mesmo, como personagem.

O leitor-leitor é o duplo que incorpora os diferentes procedimentos de leitor, o que lê por prazer e o que faz por dever.

O prazer da leitura não pode expressar-se melhor do que nesse quadro, em que o autor transformado em leitor se encontra na cama com a leitora:

Leitor e Leitora, sois no momento marido e mulher. Um grande leito conjugal acolhe vossas leituras paralelas.

Ludmilla fecha seu livro, apaga seu abajur, abandona a

cabeça no travesseiro, e diz:

- Apague o seu também. Não está cansado de ler?

E tu:

- Espere só um minuto. Estou neste instante acabando de ler *Se um viajante numa noite de inverno*, de Ítalo Calvino (CALVINO, 1982, p. 315).

Calvino parece haver profetizado a tendência fragmentada das narrativas. O pretexto de um leitor criado sob o signo do fragmento e da mídia eletrônica, imagina que o escritor deverá escrever um outro tipo de história: uma história que leve em conta a impaciência preponderante do leitor, sintoma da sensibilidade estilhaçada deste início de século, sob o comando do controle remoto.



REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. **Ritrati su misura**, Veneza: Soldalizio del libro, 1960.

CALVINO, Ítalo. **Se um viajante numa noite de inverno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

A autora é Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, Diretora Geral das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila e do Instituto Santa Teresa de Lorena. Pós-graduada em Psicologia Clínica, Educadora e Pesquisadora do Programa de pós-graduação em Literatura e Crítica Literária da PUC/SP.